

Apresentação do Dossiê

Desconstruindo os dispositivos dos mercados: aportes da Sociologia Econômica¹

Marina de Souza Sartore²

Elaine da Silveira Leite³

Imaginemos duas pessoas que buscam encontrar a sua cara metade. Elas se deparam com um aplicativo *online* de relacionamento que permite a criação de um perfil pessoal virtual cujos dados são processados algoritmicamente e como resultado são escolhidas uma para a outra: marcam um encontro, se apaixonam e se casam. Após quitarem as dívidas decorrentes da festa

1 Agradecemos ao conselho editorial da Revista Tomo pela oportunidade de organização deste dossiê.

2 Professora e Pesquisadora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe. Líder do Laboratório de Estudos sobre Mercados e Organizações na Sociedade (LEMOS).

3 Professora e Pesquisadora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pelotas. Líder do Grupo de Estudos Novas Sociologias – Econômica, Finanças e Família (GENS).

de casamento, precisam organizar o orçamento doméstico cotidiano, pois querem mobiliar a casa com madeira certificada, desejam comprar alimentos orgânicos e necessitam contratar um profissional de *home care* para seus pais, que passaram a demandar cuidado diário. Também querem viajar uma vez por ano e como se conheceram virtualmente, fazem uso de plataformas online para escolher o destino turístico e suas atrações. Para dar conta da parte do orçamento designada para o investimento, precisam ir à nova agência de um banco recém-criado, resultante da fusão entre dois grandes bancos comerciais, para decidirem, junto com o corretor, quais são os melhores investimentos que poderão fazer no mercado financeiro, visto que o Brasil teve a sua nota de crédito rebaixada nos últimos dias devido às disputas eleitorais retratadas pela mídia e que tendem a descontrolar ainda mais o cenário econômico.

Essa narrativa vivenciada pelo casal protagonista conecta os artigos publicados neste dossiê, pois demonstra que cada vez mais estamos rodeados por dispositivos dos mercados, interagindo com eles e tornando-os parte da vivência cotidiana: o aplicativo de relacionamento, o orçamento doméstico, a certificação florestal e orgânica de alimentos, a remuneração de profissionais da intimidade, o aplicativo de avaliação de viagens, os formulários que orientam as fusões entre empresas, as notas de crédito que expressam o risco Brasil e as prescrições que dão objetividade aos discursos político, econômico e midiático são considerados dispositivos que moldam a nossa vida econômica coletiva. Quanto mais os usamos, mais eles passam a ser vistos como coisas naturais e essenciais em nossas vidas. O casal protagonista da narrativa é confrontado a todo o momento com questões do tipo: “Será que o (algoritmo) aplicativo de relacionamentos é capaz de dar o melhor *match*?”; “Qual será o melhor conselho (ou planilha) para orientar o meu orçamento doméstico?”; “Os melhores móveis e alimentos são os certificados?”; “Qual a melhor forma de remuneração para profissionais de *home care*?”; “As plataformas virtuais de viagem conseguem in-

dicar e avaliar os melhores destinos turísticos e suas atrações?"; "A fusão de um banco com outro banco foi boa ou ruim?"; "A nota do Brasil vai abaixar ou subir? O que devo fazer caso abaixe?"; "Preciso ler mais o jornal para me manter informado sobre as oscilações econômicas?". Questionar se um dispositivo é bom ou ruim, é eficiente ou não, faz parte de nosso senso prático econômico, da *doxa* econômica vista como um "conjunto de crenças fundamentais que nem sequer precisam se afirmar sob a forma de um dogma explícito, consciente de si mesmo" (Bourdieu, 2001/1997a, p. 25); assim, em nosso senso prático econômico, formamos um enquadramento de questionamentos normativos (é bom ou ruim?) e prescritivos (como e o quê devo fazer?), muito próximo ao da Ciência Econômica.

Tanto no Brasil como no exterior, a Ciência Econômica *mainstream* se constituiu em um campo autônomo para a explicação dos fenômenos econômicos vistos como fenômenos naturais, passando a produzir suas próprias teorias e métodos, afirmando sua independência em relação às demais ciências sociais, tomando a forma de um estudo dedicado ao comportamento dos indivíduos (Loureiro, 1992; Dezalay e Garth, 2002; Cantu, 2008; Bourdieu, 1997b; Lebaron, 2012). Da mesma forma que um médico é capaz de saber se um remédio é bom ou ruim para a saúde e de prescrever tratamentos para curar determinada doença, o Economista também é capaz de dizer se um pacote econômico ou um novo índice é bom ou ruim para a saúde dos mercados e de prescrever determinado tratamento para sanar uma crise econômica. O caráter normativo e prescritivo é bastante presente na forma como comumente pensamos os dispositivos dos mercados e consiste na questão principal de muitas pesquisas nas áreas das Ciências Econômicas: quando nos deparamos com um dispositivo de mensuração e avaliação, como o orçamento doméstico, os certificados e selos de qualidade, as plataformas virtuais de avaliação etc., logo surgem as perguntas de pesquisa: "Isso é bom?" "Será que funciona?" "Quais os impactos positivos ou negativos desses dispositivos?"

Ao direcionarmos nossas questões normativas e prescritivas para os dispositivos estamos ouvindo e reproduzindo somente o lado A do disco de vinil. Porém, para entender toda a obra musical, precisamos escutar também o lado B, que está oculto e virado para baixo, fazendo sombra no prato giratório do toca discos. Neste dossiê, convidamos o leitor a ouvir “o lado B do disco” trazendo à tona uma perspectiva de compreensão mais completa sobre os dispositivos dos mercados através dos aportes da Sociologia e, particularmente, da Sociologia Econômica.

A contribuição da Sociologia Econômica está em trazer as teorias da sociologia para explicar os fenômenos econômicos (Sweber, 2004) e, conseqüentemente, os mercados (Raud-Mattedi, 2005). Recentemente, cientistas sociais vêm buscando romper suas fronteiras para uma compreensão que considere os fatos econômicos como produtos da interação social (Abramovay, 2004). Com base nesses pressupostos, a Sociologia Econômica abre espaços para refletir sobre a relação entre a sociologia e os dispositivos dos mercados no que tange aos aspectos morais, políticos e ético-culturais da sociedade.

Pensemos agora no casal protagonista de nossa narrativa. Além das questões normativas e prescritivas que permeiam o pensamento objetivo e subjetivo desse casal, o desenvolvimento do olhar sociológico sobre os dispositivos dos mercados suscita ao menos duas novas questões: uma, sobre o seu surgimento, ou seja, a sua **gênese**: “De onde vieram as certificações florestais?”, e, outra, sobre a sua **lógica de funcionamento** em relação a outros fenômenos da sociedade: “Será que as plataformas de relacionamento virtuais reproduzem os usos e costumes das práticas de conquista face a face?”; “Por que a organização do orçamento doméstico gera tantas disputas de sentido do dinheiro entre os casais?”; “Como fica a relação entre intimidade e *home care* com o reconhecimento do cuidado como uma profissão remunerada?”; “Por que acreditamos em determinada certifica-

ção florestal e alimentar orgânica?"; "Por que agora, deixamos o guia impresso de lado e consultamos plataformas de avaliação de viagens?"; "Como funciona o processo de fusão e aquisição de empresas no Brasil?"; "Por que ficamos temerosos quando uma agência rebaixa a nota do Brasil?"; "Será que o noticiário econômico do país é confiável?". Para o olhar treinado sociologicamente, os coletivos sociais e as suas relações sociais ganham destaque para recuperar tanto (a) a gênese quanto (b) a lógica de funcionamento da sociedade a partir de determinado dispositivo de mercado.

Quando se trata de recuperar a **gênese**, se busca compreender o antes, mas também o depois, ou seja, quem e em qual cenário de relações sociais, determinado dispositivo foi criado e quais foram as transformações na lógica da sociedade causadas pela criação do dispositivo: por exemplo, os artigos dos pesquisadores Marcelo Carneiro ("O papel dos dispositivos de prescrição e julgamento no funcionamento dos mercados: o caso da certificação florestal") e Paulo Nierdele e Guilherme Radomsky ("Quem governa por dispositivos? A produção das normas e padrões para os alimentos orgânicos no Brasil"), que compõem este dossiê, mostram os coletivos sociais envolvidos na criação dos certificados de madeira e de alimentos orgânicos, respectivamente. Ambos também refletem sobre as transformações ocorridas na sociedade depois da implementação desses dispositivos: no caso da certificação florestal, criou-se uma guerra de selos, enquanto no caso dos alimentos orgânicos, criou-se um contra movimento local fazendo frente ao processo de certificação dominante. O texto de Ana Carolina Bischoffe ("Risco & Controle: Considerações sobre dispositivos de avaliação de risco de crédito e suas implicações na normalização de Estados Soberanos e regulação de mercados financeiros") aponta para as consequências da criação do dispositivo das notas de *rating* culminando em transformações dos eixos de poder entre atores privados e agências estatais. Já o artigo de Rodrigo Pires e Marcia Mazon ("Trabalho e intimidade: a constituição profissional de cuidado-

ras em ambiente de *home care*”) revela as tensões geradas no âmbito da intimidade que moldam a configuração de uma nova profissão formada na interseção da vida privada e do mercado. O enfoque desses quatro textos não está em compreender se os dispositivos que investigam geraram benefícios ou males, ou se são eficazes ou não, mas está em colocar em evidência e analisar os interesses dos grupos coletivos mediados por relações de poder que criam novos dispositivos e cujas consequências alteram lógicas de funcionamento de fenômenos da sociedade.

Quando se trata de recuperar a **lógica de funcionamento** da sociedade a partir de determinado dispositivo de mercado, o olhar sociológico parte do dispositivo enquanto um espaço analítico a partir do qual se pode apreender e explicar a realidade social: este é o caso dos trabalhos de Elaine Leite, Gustavo Onto, Marina Sartore, Maria Jardim e Paulo Moura, e Karina Assis, que partem dos dispositivos considerando-os como espaços analíticos fecundos e reveladores tanto da forma como do conteúdo dos fenômenos sociais que moldam as nossas relações sociais. Elaine Leite (“De dispositivo de prescrição às racionalidades cotidianas: o orçamento doméstico e familiar no Brasil”) parte do orçamento para revelar que existem questões de gênero que moldam a racionalidade cotidiana do cálculo do orçamento doméstico; Maria Jardim e Paulo Moura (“A construção social do mercado de dispositivos de redes sociais: a contribuição da sociologia econômica para os aplicativos de afeto”) partem do aplicativo de relacionamento virtual para explorar o decalque das práticas de conquistas do “mundo real” no “mundo virtual”; Marina Sartore (“A representação coletiva dos bares e restaurantes pé-na-areia produzida pelo dispositivo TripAdvisor: o caso de Aracaju-Sergipe”) parte do aplicativo de avaliações de viagens para apreender a representação coletiva dos bares “pé-na-areia” em Aracaju; Gustavo Onto (“Dispositivos da concorrência: como e em que medida a política antitruste faz mercados”) explicita como a forma da lei, vista como um dispositivo, molda o enquadramento de decisões sobre as fusões e aquisições no Brasil; Karina Assis (“Para além da racionalidade - as complexidades inerentes à relação economia,

política e mídia”) destaca que o fazer e pensar econômicos dependem das estruturas cognitivas dominantes na sociedade brasileira atual e dos seus dispositivos de prescrição, frutos da disseminação de formas de interpretar a realidade que ajudam a reiterar e tornar natural o fazer e pensar econômicos. Assim, os dispositivos dos mercados e os elementos como a alimentação, o amor, a intimidade, o lazer, e a política econômica, temas que perpassam os artigos deste dossiê, apontam percursos teóricos e metodológicos que vão para além da análise estritamente normativa e prescritiva, com o objetivo de fornecer lentes teórico-analíticas para a compreensão da lógica de formação e desenvolvimento de dispositivos dos mercados. Assim, a variedade teórica e metodológica presente nos artigos deste dossiê pretende colaborar com análises fecundas e próximas da realidade empírica encontrada, as quais fornecem argumentos para o delineamento de uma Sociologia Econômica que não fica restrita apenas aos aspectos econômicos dos dispositivos, mas adentram pelas questões culturais e morais.

Cardon (2015) argumenta que já estamos vivendo em uma sociedade permeada por algoritmos. Uma característica peculiar de nossa época não é o fato de que valorizamos, classificamos e avaliamos os fenômenos sociais a nossa volta, mas, sim, o fato de que o fazemos utilizando ferramentas tecnológicas e virtuais compostas de algoritmos capazes de sintetizar, processar e divulgar dados em uma velocidade e quantidade jamais testemunhadas em nossa história: este novo modo de classificarmos gera novos enquadramentos cognitivos e culturais, o que o Seyfert e Roberge (2016) chamam de culturas de algoritmos (*algorithmic cultures*).

Na esfera do ordinário, em seu dia a dia, o cidadão comum entra em contato com índices, orçamentos e normas constituídos por algoritmos e fórmulas matematizadas naturalmente eficazes, expressando as leis naturais da economia. Por outro lado, na esfera científica, sociólogos e economistas criaram uma divisão

do trabalho que repercute no Brasil, na qual os economistas nos proferiam com dispositivos ou modelos limpos da representação econômica da realidade, e os sociólogos, portanto, fariam o trabalho de “sujar as mãos” e ir a fundo, estudando as especificidades da realidade social (cf. Hirsch, Michael e Friedman, 1987). Essa divisão do trabalho pode ter trazido benefícios para o conhecimento produzido pelas áreas, na qual a Ciência Econômica faria o trabalho de construção e reconstrução de dispositivos normativos e prescritivos de sociedade enquanto a Sociologia Econômica faria o trabalho de desconstrução histórica e de revelação das lógicas sociais que culminam na criação do dispositivo ou dele emergem (Hirsch, Michael e Friedman, 1987).

Em suma, os dispositivos dos mercados, quando repensados pelos próprios economistas, seguem caminhos alternativos aos explorados pelos cientistas sociais e nos revelam questões sobre sua viabilidade, seus impactos maléficos ou benéficos, ou, ainda, sobre a sua própria construção técnica com o objetivo de criar uma nova propriedade intelectual sobre aquele dispositivo. Assim, quando mencionamos a necessidade de treinar e desenvolver o olhar sociológico é porque compreendemos que quando olhamos para os dispositivos dos mercados, vemos apenas o lado moldado pela Ciência Econômica, aquele que corrobora para a formação do nosso senso prático econômico, da *doxa* econômica (cf. Bourdieu, 2001/1997a).

Diante desse quadro de divisão analítica entre a Sociologia e a Ciência Econômica, também é possível afirmar que os dispositivos dos mercados possuem um duplo papel: o primeiro, de interesse mais próximo à Ciência Econômica, trata da expansão dos mercados, pois transcendem as divisões de classes ao apresentarem inúmeros serviços e produtos para diversos setores da população. Nos dias de hoje, uma variedade de dispositivos é ofertada via aplicativos que estão conectados às redes financeiras, que visam a venda de imóveis, viagens, bens de consumo, planilhas orçamentárias, avaliações de hotéis e restaurantes.

No entanto, essa expansão econômica está imbuída de valores morais, culturais, políticos, simbólicos e sociais, corroborando a transformação cognitiva da sociedade. Ao transformar o cognitivo, o segundo papel dos dispositivos dos mercados, de interesse mais próximo da Sociologia, é o de recriação ou reprodução de formas de estratificação social, pois criam novas distinções sobre a alimentação, o amor, a intimidade, a natureza, etc.; Por exemplo, a existência de móveis de madeiras certificadas tanto expande o mercado de móveis de madeiras para um novo nicho de atuação como estratifica os produtos e consumidores em social/ambientalmente responsáveis ou irresponsáveis.

O quadro a seguir sintetiza o lado A e o lado B, o olhar Econômico e Sociológico sobre os dispositivos de mercado que, em conjunto, permitem ao leitor compreender melhor a dinâmica de funcionamento dos mercados.

Quadro 01. Olhares Econômico e Sociológico sobre os Dispositivos dos Mercados

LADO A - Olhar Econômico	LADO B - Olhar Sociológico
Prescritivo (Como fazer?)	Gênese (Quem criou e em quais condições?)
Normativo (Aspectos negativos e positivos)	Lógica de Funcionamento (Qual realidade social revela e/ou altera?)
Dispositivos são objetos objetivos constituídos naturalmente	Dispositivos são objetos subjetivos construídos socialmente
Foco na expansão do mercado	Foco nas formas de estratificação social

Elaborado pelas autoras.

Assim, o objetivo deste dossiê, para além de incorrer nos perigos das dualidades (cf. Zelizer, 2009) e da acentuação da divisão do trabalho entre as áreas, é clarear o mundo das sombras, ou seja, revelar a importância da representação dos dispositivos para o mundo do conhecimento sociológico o qual desconstrói e revela os mecanismos sociais de construção da sociedade. Em nosso caso específico, os dispositivos dos mercados serão ex-

plorados pelo caminho da sua desconstrução e da revelação de seus mecanismos sociais pelos aportes da Sociologia Econômica dialogando com outras áreas como a Sociologia da Moralidade, a Antropologia Econômica, a Sociologia da Avaliação e da Valoração. O intuito é o de convidar o leitor a ouvir o lado B do disco de vinil, sem esquecer que, para compreender a obra completa temos que ouvir os dois lados do disco.

1 Diálogos com teorias estrangeiras

Podemos encontrar a busca por explicações sociológicas sobre os fenômenos econômicos desde os clássicos da Sociologia (Raud-Mattedi, 2005), como Karl Max, Émile Durkheim e Max Weber, até os dias de hoje. No entanto, foi a partir dos anos 1980 que o arcabouço teórico da Sociologia volta a ser destaque para o estudo dos fenômenos econômicos, principalmente através do trabalho do pesquisador norte-americano Mark Granovetter (1985), *Economic action and social structure: the problem of Embeddedness*, que se convencionou ser o artigo fundador da Nova Sociologia Econômica. Posteriormente, os trabalhos de Pierre Bourdieu sobre o campo econômico (1997b) e sobre as estruturas sociais da economia (2000) influenciaram o renascimento da Sociologia Econômica na França. Esses dois autores passaram a ter grande influência nos trabalhos de Sociologia Econômica no Brasil, sendo os mais citados na literatura da Sociologia Econômica brasileira entre 2000 e 2010 (Junior, 2011). A circulação internacional dos pesquisadores em Sociologia Econômica no Brasil gera um enquadramento de influências de teorias internacionais no modo como investigamos os dispositivos dos mercados em terras tupiniquins.

A Sociologia Econômica ao longo de seu percurso tem como principais objetos de estudo as firmas, as organizações, as instituições, os mercados, as redes, o mercado de trabalho, o Estado e a esfera política; entretanto, também na década de 1980, apro-

ximando-se da perspectiva antropológica, uma vertente de estudos culturalistas fez ressurgir para o âmbito de análise objetos de estudos como o dinheiro, as trocas e as moedas relacionando-os a fenômenos considerados intangíveis para o mercado como a natureza e a intimidade. Assim, temáticas relacionadas aos valores morais e culturais passaram a ganhar espaço e desemboçaram em estudos sociológicos que visam compreender como os novos valores e formas de avaliações são construídos e ressignificados. Essa virada culturalista pressupõe que os mercados são culturas (Fourcade e Healey, 2007) na medida em que as trocas de mercado implicam “esforços mais ou menos conscientes para categorizar, normatizar e naturalizar comportamentos e regras que não são naturais de forma alguma” (Fourcade e Healey, 2007, p. 300, tradução nossa). Esses esforços conscientes para categorizar, normatizar e naturalizar comportamentos são mediados por dispositivos.

O enfoque nas formas de classificação, valoração e avaliação vem se desenvolvendo na sociologia de modo a suscitar o esforço de Lamont (2012) e Cefaï et al. (2015) em esboçar uma Sociologia da Valoração e da Avaliação buscando sintetizar e sistematizar os estudos sociológicos que enfocam as formas de valoração e avaliação. Anteriormente, na organização de um dossiê sobre Sociologia Econômica e das Finanças no ano de 2013, Sartore e Leite (2013) ressaltaram o estreito diálogo entre as pesquisas em Sociologia da Valoração e da Avaliação com a Sociologia Econômica e das Finanças. A opção pela tradução do artigo Lamont (2013) para aquele número buscava evidenciar a (re)emergência do enfoque em explicações de fenômenos de atribuição e constituição de valor, principalmente a partir das práticas de categorização e legitimação.

Este dossiê apresenta os impactos da virada culturalista e da emergência de uma Sociologia da Valoração e da Avaliação nos objetos de estudos da Sociologia Econômica no Brasil e eviden-

cia que a apreensão e a reinterpretação dos fenômenos econômicos do Brasil pelos colegas brasileiros que compõem este dossiê dialogam majoritariamente com pesquisadores franceses e, em parte, pesquisadores norte-americanos.

O artigo de Gustavo Onto (“Dispositivos da concorrência: como e em que medida a política antitruste faz mercados”) trabalha com a ideia de que a Ciência Econômica tem efeito performático, ou seja, molda e formata a economia (Callon^{**4}, 2007). Os dispositivos (Muniesa, Millo e Callon^{**} 2007, p. 2) são considerados como “arranjos materiais e discursivos que intervêm na construção de mercados” e são o canal pelo qual este processo performático ocorre. Gustavo Onto trata a política de defesa da concorrência praticada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) como um dispositivo de concorrência que “orienta, conduz e determina comportamentos, discursos e ideologias nos mercados” (Onto, neste dossiê, p. 15). O diálogo com as ideias de dispositivo dos autores franceses é combinado com o método etnográfico para apreender dados sobre fenômenos econômicos contemporâneos; este viés analítico e metodológico é bastante utilizado nos trabalhos de pesquisadores do Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia (NUCEC), vinculados ao Museu Nacional, no Rio de Janeiro (cf. Neiburg^{**}, 2007).

O artigo de Ana Carolina Bischoffe (“Risco & Controle: Considerações sobre dispositivos de avaliação de risco de crédito e suas implicações na normalização de Estados Soberanos e regulação de mercados financeiros”) desenvolve uma análise documental e de conteúdo para tratar a ideia, inspirada em Bourdieu^{**} (2014) e Fourcade^{**} (2012), de dispositivos como formas de classificação que criam realidades econômicas. Para a autora, os dispositivos de classificação do risco de crédito do Estado Brasileiro feitos por agências de classificação de risco de crédito têm efeito

4 A referência completa dos autores citados acompanhados de ^{**} se encontra nos respectivos artigos publicados neste dossiê.

performático (Callon**, 1998 e MacKenzie**, 2009) e modificam o monopólio de poder sobre as classificações que são tradicionalmente produzidas pelo Estado. Ao tratar das disputas pelo poder de classificação do Estado, Ana Carolina Bischoffe dialoga com a Sociologia da Quantificação cujo importante expoente é Alain Desrosières** (2008). A influência analítica francesa, assim como o viés analítico-metodológico da autora, implica na busca por compreender a formação do conhecimento tácito e do senso prático econômico a partir das disputas culturais cognitivas, viés bastante presente nos trabalhos do Núcleo de Estudos em Sociologia Econômica e das Finanças (NESEFI) vinculado à Universidade Federal de São Carlos (cf. Grün**, 2008b).

Também pesquisadora do NESEFI, Karina Assis apresenta o artigo (“Para além da racionalidade - as complexidades inerentes à relação economia, política e mídia”) inspirado pela vertente francesa da Sociologia Econômica que perpassa pelos estudos sobre representação midiática (Boltanski**, 1993; Bourdieu**, 1983; 1997), para retratar a influência do campo econômico (Lebaron**, 2012) nas disputas políticas. Karina Assis, ao realizar uma análise documental na mídia nacional, e partindo do pressuposto de que as posições sociais dos agentes, grupos e instituições são articuladas com as disposições (*habitus*) e as tomadas de posições (Bourdieu**, 1992; 1983), busca desvelar a construção de um dispositivo econômico-financeiro, advindo do embate cultural entre concepções distintas sobre a condução da política brasileira em torno da transição entre os governos FHC e Lula, entre os anos de 2002 e 2003, e incitado pela mídia, que passa a atrelar previsões econômicas catastróficas ao novo governo em decorrência de seus posicionamentos políticos.

O artigo de Maria Jardim e Paulo Moura (“A construção social do mercado de dispositivos de redes sociais: a contribuição da sociologia econômica para os aplicativos de afeto”), em crítica direta ao trabalho de Illouz** (2011), questiona se o dispositivo

virtual, como a plataforma virtual de relacionamentos amorosos, estaria moldando e reforçando um comportamento racional – econômico – para a busca de um parceiro amoroso. Para dar conta de explicar o fenômeno local de uma tendência global de emergência de aplicativos virtuais alimentados por milhares de dados processados por algoritmos, os autores recuperam duas ideias centrais da Sociologia Econômica: o enraizamento econômico, presente em Polanyi** (1980) e Granovetter** (2007), trazendo a discussão sobre o comportamento econômico-racional enraizado na sociedade, e a ideia de orquestração de *habitus* (Bourdieu**, 2004), para refletir em que medida o dispositivo recria ou reproduz as orquestrações de *habitus* produzidas no mundo físico, não virtual. Os autores realizaram entrevistas para compreender o comportamento coletivo dos usuários da plataforma e concluem que o comportamento coletivo virtual está em homologia com o comportamento coletivo no mundo social. A busca por compreender as formas de produção e justificação de categorias de pensamentos dominantes do mundo econômico pode ser encontrada nos trabalhos de pesquisadores que compõem o Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Sociedade, Poder, Organização e Mercado (NESPOM), vinculado à Universidade Estadual Paulista – Araraquara (cf. Jardim, 2011).

O artigo de Elaine Leite (“De dispositivo de prescrição às racionalidades cotidianas: o orçamento doméstico e familiar no Brasil”) dialoga com os estudos da Sociologia Econômica norte-americana (Zelizer**, 1994). A autora considera o orçamento como um dispositivo de cálculo que, apesar de ser considerado como um artefato técnico pelo imaginário social econômico predominante, possui uma dimensão cotidiana moral, que, no artigo deste dossiê, está associada às percepções de gênero. A partir do uso de revisão bibliográfica e da análise focal, Elaine Leite busca demonstrar as metamorfoses pelas quais passou a ideia de orçamento doméstico e familiar mostrando que este dispositivo é carregado de sentidos morais. A busca por compreender os sentidos morais de fenômenos econômicos modernos é um

traço forte do Grupo de Estudos Novas Sociologias (Econômica, Finanças e Família) – (GENS), vinculado à Universidade Federal de Pelotas (Leite**, 2016; 2017).

O artigo de Paulo Nierdele e Guilherme Radomsky (“Quem governa por dispositivos? A produção das normas e padrões para os alimentos orgânicos no Brasil”) reúne as ideias sociológicas francesas de política da moral, de Boltanski e Thévenot** (1991), e de governabilidade em Foucault** (2008a), com a sociologia norte-americana de Fligstein** (1997), a partir da ideia de habilidades sociais entre incumbentes e desafiantes em um campo, para compreender o fenômeno da certificação de alimentos orgânicos no Rio Grande do Sul. Os autores fazem uso da revisão bibliográfica e da pesquisa de campo para mostrar as normas e padrões sobre alimentos orgânicos no Brasil como dispositivos através dos quais se delineiam as relações de poder entre o coletivo que domina a gramática da certificação orgânica e aquele que busca, através da criação de novos dispositivos, modificar esta gramática e, conseqüentemente, as relações de poder. A parceria entre Paulo Nierdele (que participa do Grupo de Pesquisa interdisciplinar – Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural (GEPAD), vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e Guilherme Radomsky reflete a participação de ambos nos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e de Pós-Graduação de Desenvolvimento Rural, ambos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fato que permite uma contribuição multidisciplinar singular que alinha temas de desenvolvimento rural junto às teorias da sociologia.

O artigo de Marcelo Carneiro (“O papel dos dispositivos de prescrição e julgamento no funcionamento dos mercados: o caso da certificação florestal”) dialoga com a sociologia francesa trabalhando principalmente com duas ideias: a de que os sistemas de certificação florestal são dispositivos de prescrição na medida em que surgem a partir de especialistas que definem as características, a forma de utilização e a forma de julgamento

sobre qualidade de determinado produto (Hatchuel**, 2010) e a de que os sistemas de certificação florestal propõem um tipo de conhecimento impessoal que sincroniza as expectativas do consumidor e do produto ofertado (Karpik**, 2007). Marcelo Carneiro aproxima em seu artigo a perspectiva de Karpik com a de Garcia-Parpet** (2009), na medida em que argumenta que o papel de prescrição expressa relações de poder e apesar dos sistemas de certificação florestal se apresentarem como neutros, uma análise mais cuidadosa revela que há o favorecimento do “sucesso de um determinado tipo de empresa florestal ou de uma determinada forma de coordenação da atividade florestal” (Carneiro, neste dossiê, p. 162). O artigo de Marcelo Carneiro dialoga com as pesquisas do Grupo de Estudos e Pesquisa Trabalho e Sociedade, vinculado à Universidade Federal do Maranhão.

O artigo de Marina Sartore (“A representação coletiva dos bares e restaurantes pé-na-areia produzida pelo dispositivo TripAdvisor: o caso de Aracaju-Sergipe”) busca apreender a representação coletiva (Durkheim**, 1898) dos bares pé-na-areia em Aracaju a partir da plataforma de avaliação online TripAdvisor, considerada pela autora como um dispositivo de valoração e avaliação. A autora alia um conceito clássico da sociologia com o fenômeno virtual contemporâneo das avaliações processadas por algoritmos e, pelo caso dos bares pé-na-areia em Aracaju, argumenta pela pertinência de tratar o conjunto das avaliações escritas produzidas pela plataforma como representações coletivas. A busca por compreender as formas de construção social dos mercados a partir de índices e dispositivos de cálculo é uma das linhas centrais do Laboratório de Estudos sobre Mercados e Organizações na Sociedade (LEMOS), vinculado à Universidade Federal de Sergipe (Sartore, 2009).

O artigo de Rodrigo Pires e Marcia Mazon (“Trabalho e intimidade: a constituição profissional de cuidadoras em ambiente de *home care*”) se inspira em Zelizer** (2010b) e trata dos conflitos

tos e tensões morais presentes na consolidação da profissão de cuidador na cidade de Florianópolis em Santa Catarina. Os autores aliam o caso brasileiro com a perspectiva teórica de que os mercados são processos políticos culturais complexos passíveis de contestação. A busca por compreender a configuração moral dos mercados é um traço importante do Núcleo de Sociologia Econômica (NUSEC), vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A parceria de Rodrigo Pires, docente vinculado ao departamento de Saúde Pública da UFSC, e de Márcia Mazon, vinculada ao NUSEC, traz contribuições singulares para o estudo do mercado de regulamentação das profissões que adentram no espaço íntimo pelo viés da Sociologia Econômica.

Os dispositivos existentes hoje retratam, de certa maneira, que os indivíduos estabelecem laços e criam redes de relações entre si e com instituições, demarcando suas relações simbolicamente, bem como atribuindo valores, classificando e avaliando os mais diversos elementos que compõem o mundo social. Assim, quando agregamos elementos como a alimentação, a natureza, a intimidade, o lazer, isto é, esferas aparentemente antagônicas ao processo de mercado e/ou de monetarização, direcionamos epistemologicamente a busca pela compreensão de tais dispositivos dos mercados, permitindo-nos devolver à economia e ao mercado o seu caráter social e arbitrário de modo a contribuir no entendimento mais profundo sobre a sua gênese e a sua lógica funcionamento. Independente de nosso leitor estar familiarizado ou não com essas teorias de pesquisadores estrangeiros, falta exemplos brasileiros de como diferentes escolas de Sociologia Econômica foram apropriadas e reinterpretadas por pesquisadores brasileiros. É essa lacuna que este dossiê quer preencher. É, desse modo, que convidamos o leitor para adentrar no mundo da Sociologia Econômica brasileira e de suas intersecções teóricas e metodológicas com teorias nacionais e internacionais para desvelar os dispositivos dos mercados que permeiam o nosso cotidiano.

2 Estrutura do dossiê

De maneira geral, as questões que orientam este dossiê buscam apontar caminhos para a análise dos dispositivos naturalmente incorporados na sociedade brasileira, trazendo, por consequência, novas explicações que vão para além da análise estritamente normativa e prescritiva, apontando para possíveis novas formas de valoração e avaliação que podem fornecer outras lentes para a explicação dos mecanismos sociais que formam os mercados. Assim, se em um primeiro momento, convidamos o leitor a ouvir o lado B do disco de vinil, em um segundo momento, queremos adentrar no século XXI, apresentando a obra em um disco compacto, compartilhando com os economistas as músicas de um mesmo dispositivo, sem a necessidade de alterar o lado do disco.

Os três artigos iniciais levam o leitor ao mundo dos dispositivos presentes em decisões políticas sobre as fusões e aquisições das empresas e das notas de avaliação de crédito que os países recebem por suas decisões político-econômicas; bem como a influência das previsões catastróficas midiáticas nas disputas eleitorais. O quarto e quinto artigos afunilam o leitor para a realidade da intimidade cotidiana, quando os dispositivos aparecem nas decisões de investimentos amorosos e domésticos. O sexto, sétimo e oitavo artigos levam o leitor ao mundo cotidiano das decisões de compras sobre alimentos, móveis e viagens. Por fim, o nono artigo perpassa a discussão das decisões econômicas que envolvem a profissão de *home care* no âmbito da intimidade. Boa leitura!

Referências

ABRAMOVAY, R. Entre Deus e o Diabo – mercados e interação humana nas ciências sociais. **Tempo Social**, v.16, n.02, p. 35-64, nov. 2004.

BOURDIEU, P. **Meditações Pascalinas**, 2001/1997a.

____. le champs économique. **Actes de la recherche en Sciences Sociales**, v. 119, n. 1, p. 48-66, 1997b.

____. **P. Les Structures sociales de l'économie**. Paris : Seuil, 2000.

CANTU, R. O campo dos pesquisadores em economia no Brasil no começo do século XXI. **Anais do 32º Encontro Anual da ANPOCS**, 2008.

CARDON, D. À quoi rêvent les Algorithmes – Nos vies à l'heure des **big data**. Paris: Seuil, 2015.

CEFAI, D; ZIMMERMANN, B; NICOLAE, S; ENDREB, M. Introduction. (Special Issue: on Sociology of Valuation and Evaluation). **Hum. Stu**, v. 38, n.01, março, 2015.

DEZALAY, Y; GARTH, B. G. **The internationalization of palace wars: lawyers, economists, and the contest to transform Latin American States**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 2002.

FOURCADE, M; HEALY, K. Moral Views of Market Society. **Annual Review of Sociology**, v. 33, 2007.

GRANOVETTER, M. Economic action and social structure: the problem of Embeddedness. **American Journal of Sociology**, v.01, n. 03, p. 481-510, nov, 1985.

HIRSCH, P; MICHAELS, S; FRIEDMAN, R. 'Dirty hands' versus 'Clean Models': Is Sociology in Danger of Being Seduced by Economics? **Theory and Society**, v. 16, n.3, p. 317-36, 1987.

JARDIM, M. A. C. A natureza social das finanças: sindicalistas, fundos de pensão e remodelação das elites. Bauru: Edusc, 2011. 202p.

JUNIOR, E. Um balanço da sociologia econômica brasileira (2000-2010). **XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, 26 a 29 de julho, Curitiba, 2011.

LAMONT, M. Toward a Comparative Sociology of Valuation and Evaluation. **Annual Review of Sociology**, v. 38, p. 201-21, agosto, 2012.

LAMONT, M. Para uma conexão necessária entre a Sociologia da Valoração e da Avaliação com a Sociologia Econômica e das Finanças (Tradução). **NORUS**, v. 1, p. I, 2013.

LEBARON, F. A formação dos economistas e a ordem simbólica mercantil. REDD – Revista Espaço de Diálogo e Desconexão. v.4, n.2, 2012.

LOUREIRO, M. R. Economistas e Elites Dirigentes no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.7, n. 20, p.47-69, 1992.

RAUD-MATTEDI, C. A construção social do mercado em Durkheim e Weber: análise do papel das instituições na sociologia econômica clássica. **RBCS**, v.20, n. 57, fev., 2005.

SARTORE, M.S. An essay on Stock Markets Sustainability Index Committees. **Society for the Advancement of Socio Economics – Conference proceedings**. Paris, França, 2009.

SARTORE, M. S.; LEITE, E. S. Introdução ao Dossiê. Sociologia Econômica e das Finanças: Perspectivas contemporâneas sobre a economia, as finanças e seus atores. **Norus - Novos Rumos Sociológicos**, v. 1, p. I-VII, 2013.

SEYFERT, R; ROBERGE, J. **Algorithmic Cultures. Essays on Meaning, Performance and New Technologies**. Nova Iorque: Taylor & Francis, 2016.

SWEDBERG, R. Sociologia Econômica: hoje e amanhã. **Tempo Social**. São Paulo: USP, v.16, n.02. 2004.

ZELIZER, V. Dualidades perigosas. **Mana**, v.15, n.1, p. 237-56, 2009.